

EGON SCHADEN



LEITURAS DE
**ETNOLOGIA
BRASILEIRA**

EGON
SCHADEN

LEITURAS DE
**ETNOLOGIA
BRASILEIRA**



companhia
editora
nacional

disse: "Se o filho do Cará se zanga, o matam; se se mantém quieto, o deixam em paz."

Mais tarde, surgiu o boato de que estavam planejando a morte do curador e trançador de palha, André Arroz, índio calmo e trabalhador, muito bem integrado na sociedade. O mesmo, porém, demonstrava certa inquietude, mudando-se freqüentemente de uma aldeia para outra. Culpavam disto sua mulher, dizendo que a mesma pretendia visitar seus numerosos parentes. O casal mantinha em sua companhia uma mocinha, que era apontada, com certo desprezo, como "rapariga" (23), profissão bastante normal entre os Krahó.

Indagando os supostos autores do planejamento da morte de André Arroz, e ao mesmo tempo outros índios, todos responderam convincente e unanimemente, que isto era "fuxico à-toa", sem base nenhuma na realidade, pois, mesmo que fosse verdade, "como poderiam matar um curador, com tantos parentes em todas as aldeias, como o André Arroz e sua mulher?"

Finalizando, pode-se afirmar que a execução do médico-feiticeiro Cará, justificável dentro do conceito cultural da tribo krahó, foi ocasionada pela convicção destes índios das "feitiçarias ruins" realizadas por ele, provocando a morte de diversas pessoas. A aceitação da execução pela população foi franca, e tanto os planejadores como o autor da execução receberam completa aprovação da comunidade.

(23) "Rapariga" — prostituta.

O ESTADO DE *UANKI* ENTRE OS BAKAIRÍ

FERNANDO ALTENFELDER SILVA (*)

A fim de defender-se contra os numerosos perigos sobrenaturais que os rodeavam, os Bakairí lançavam mão de dois métodos: o xamanismo e o estado de *uanki*, ou reclusão ritual. É propósito deste artigo examinar estes dois métodos da cultura bakairí, à luz de informes por nós obtidos (1) e com auxílio da literatura existente a respeito. Contudo, embora os Bakairí tenham sido visitados de longa data por diversos etnólogos, e os seus costumes mencionados na literatura como testemunho de teorias etnológicas, muito pouco se sabe ainda sobre a sua cultura como um todo. A maior parte dos relatos deixados pelos estudiosos não oferece uma visão global da cultura bakairí e se concentra de preferência em sua tecnologia. De outra parte, os Bakairí de hoje se acham bastante aculturados, sendo difícil a obtenção de dados completos sobre a antiga cultura. Pretendemos, não obstante, tentar contribuir aqui para o esclarecimento do problema.

Os Bakairí totalizam atualmente cerca de 250 indivíduos, segundo as estimativas do Serviço de Proteção aos Índios, em 1947. Encontram-se eles aldeados em Mato Grosso, no Posto Simões Lopes do S. P. I., às margens do rio Paranatinga, e em agrupamentos dispersos ao longo do rio Novo, também naquele estado. Os índios de Simões Lopes afirmam que outrora todos os Bakairí viviam aldea-

(*) Fernando ALTENFELDER SILVA, "O estado de *uanki* entre os Bakairí", *Sociologia*, v. XII, 1950, São Paulo, p. 259-271. Reproduzido com autorização do autor.

(1) Os dados aqui apresentados foram obtidos em 1947, durante uma visita ao Posto Indígena Simões Lopes, do Serviço de Proteção aos Índios, promovida pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo em colaboração com o Instituto de Antropologia Social da Smithsonian Institution. Salvo menção específica, em nota de rodapé, os dados mencionados provêm dos índios de Simões Lopes.

dos junto ao rio Paranatinga, deslocando-se, mais tarde, para o norte, em virtude da pressão de grupos inimigos⁽²⁾. Posteriormente a tribo se dividiu em consequência de disputas internas; parte seguiu para as margens do rio Culiseu, formador do Xingu, e outra parte distribuiu-se ao longo do rio Novo. O que há de positivo nesses relatos é algo que talvez somente a arqueologia poderá esclarecer. Entretanto as antigas aldeias dos Bakairí nas cabeceiras do Xingu já não mais existem. Os índios xinguanos muito sofreram com repetidos surtos de gripe e os últimos Bakairí que se encontravam naquela área foram trazidos para o Posto Simões Lopes, há poucos anos, pelos funcionários do Serviço de Proteção aos Índios. Os Bakairí do rio Novo, na sua quase totalidade, adotaram os costumes das populações brasileiras vizinhas e vivem independentes do controle do S. P. I. Quanto aos índios de Simões Lopes, embora bastante aculturados, conservam eles ainda muitos traços de sua antiga cultura, todos falam ainda o bakairí, e alguns deles ainda se recordam do tempo em que viveram nas aldeias xinguanas, constituindo bons informantes.

Quanto aos autores que se ocuparam dos Bakairí, destacamos, entre os melhores, Capistrano de Abreu e Karl von den Steinen. O primeiro deixou-nos valiosas informações sobre a língua bakairí e sobre as crenças desses índios. A fraqueza única de seu material é que ele se baseia em um único informante⁽³⁾. Karl von den Steinen, de outra parte, consultou vários informantes, e, o que é mais importante a nosso ver, visitou pessoalmente as aldeias bakairí⁽⁴⁾, o que não fez Capistrano. Tais documentos, examinados comparativamente, permitem-nos fortalecer as conclusões a que pretendemos chegar sobre as crenças e costumes bakairí.

Os Bakairí pertencem à família lingüística Karaíb. Suas antigas aldeias eram constituídas por grandes casas comunais, de forma elipsoidal, ao redor de uma praça. Em cada casa viviam de duas a cinco famílias. No centro da aldeia havia uma casa, *kadoeti*, destinada a guardar os ornamentos cerimoniais dos homens, e onde eram alojados os visitantes. A entrada do *kadoeti* era franqueada tanto aos homens quanto às mulheres e crianças. Anexa ao *kadoeti* havia uma pequena casa, com a entrada voltada para o sol nascente, e onde se

(2) Para uma melhor discussão das possíveis origens dos Bakairí, ver o artigo de Max SCHMIDT, "Los Bakairí", *Revista do Museu Paulista*, n. s., v. I, p. 11-58, São Paulo, 1947.

(3) Capistrano DE ABREU, "Os Bacaerys", *Revista Brasileira*, ano I, t. 3 e 4, Rio de Janeiro, 1895.

(4) Karl VON DEN STEINEN, *Durch Central-Brasilien*, Leipzig, 1886; *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*, Berlim, 1894.

guardavam as flautas, zunidores ou berra-bois, e demais objetos sagrados. A entrada a esta última casa era vedada às mulheres e crianças. Os Bakairí dormiam em redes, *amaka*, tecidas de fibras de palmeiras. O mobiliário se resumia em bancos de madeira inteiriça, panelas de barro, esteiras e cestos. A dieta baseava-se em mandioca, pequi, batata-doce, milho e peixe. Entretanto, a caça de macacos, porco-do-mato, anta e outros animais não era desprezada. A maior parte das reservas alimentares era, porém, de origem vegetal, e as colheitas mais importantes constituídas pela mandioca, milho, batata-doce e pequi. Plantavam eles, ainda, o cará, o algodão, o urucu e o fumo.

Os moradores de uma casa comunal trabalhavam juntos na construção de uma nova casa, adquirindo com isso o direito de nela residirem. Tal construção era contudo promovida pelo indivíduo de maior prestígio desse grupo, provavelmente o antigo chefe da casa, que assim se constituía em chefe da nova casa. Os trabalhos de limpeza dos campos e de plantio contavam geralmente com a participação de toda a aldeia. Ao iniciar uma nova roça, o Bakairí promovia uma festa, *kométe*, com distribuição de alimentos aos índios que trabalhavam no campo. Os Bakairí fabricavam canoas de casca do jatobá, à maneira xinguanas. Tal construção, bem como as atividades da caça e agricultura, eram acompanhadas de rituais propiciatórios.

A troca dos produtos que obtinham era feita com os grupos vizinhos, mediante visitas denominadas *tuliki*, as quais contavam com a presença dos chefes de ambas as aldeias. Após a troca dos objetos desejados, os visitantes eram homenageados com uma festa denominada *tulake*.

Os Bakairí não eram um povo guerreiro e sua organização política não parece muito elaborada. Cada aldeia possuía um chefe, *pima*, assistido por um subchefe, *itáida*. Não se recordam os Bakairí da existência de um chefe para toda a tribo e não há indícios de que tal tenha ocorrido. A seleção do *itáida* era feita mediante o consenso da aldeia, mas geralmente recaía sobre o filho do próprio *pima*. As funções do *pima* eram principalmente cerimoniais, econômicas e judiciais.

No seu sistema de parentesco os Bakairí distinguem os primos paralelos (*paigo* e *koro* ou *iri* e *iia*, para homem ou mulher, respectivamente para Ego masculino ou feminino) dos primos cruzados (*pama* e *imiapi* ou *eisambi* e *ierudu*, para homem e mulher, respectivamente para Ego masculino ou feminino). Os primeiros eram identificados com os irmãos e irmãs, respectivamente. O termo referente

ao pai, *chogo*, era extensivo ao irmão do pai, e o termo referente à mãe, *seko*, extensivo à irmã da mãe. De outra parte o irmão da mãe, *kogo*, e a irmã do pai, *iupuri*, recebiam denominação especial. Havia termos especiais para Ego masculino ou feminino, na geração de Ego (como já vimos), e na primeira descendente. Assim os filhos de Ego masculino e os do irmão de Ego eram denominados *imeri*, sem distinção de sexo, ao passo que os filhos da irmã de Ego eram denominados *tekau* e *uasi*, respectivamente para o menino e menina. Para Ego feminino, seus filhos, bem como os filhos da irmã de Ego eram denominados *imeri*, ao passo que os filhos do irmão de Ego eram *uadoin* e *uasi*, respectivamente para o menino e menina. Na segunda geração ascendente, os avós eram distinguidos segundo o sexo, denominando-se *tako* e *nigo*, respectivamente para homem e mulher. Na segunda geração descendente, um único termo, *iveri*, designava todos os indivíduos.

O casamento entre primos cruzados era comum, mas não preferencial. De acordo com os informes que obtivemos, não parece ter havido entre os Bakairí regras especiais no tocante à residência, nem tabus referentes ao sogro ou sogra, nem ainda metades ou clãs. Os casamentos eram geralmente monógamos, embora as uniões polígamas fossem admitidas. A julgar-se pelas tribos xinguanas, é provável que tais uniões polígamas assumissem a forma de sororato.

O ciclo de vida dos Bakairí caracterizava-se por uma série de reclusões ou *uanki* (prisão), durante as quais os indivíduos se protegiam contra os numerosos perigos sobrenaturais que os rodeavam. A gravidez, *enokua*, era conhecida pela interrupção das menstruações. Quando o ventre da mulher grávida começava a atingir proporções visíveis, iniciava-se uma dieta alimentar à base de vegetais e carne de peixe. Com a aproximação da época do parto, construía-se uma separação no interior das casas; a parturiente era segregada e permanecia *uanki*. Os parentes femininos ajudavam no parto sob a direção de uma mulher de experiência. A parturiente dava à luz sentando-se sobre os calcanhares. Em casos difíceis faziam-se escaldamentos ao redor do ventre e das costas, com infusão de folhas de algodão. O cordão umbilical era cortado pela própria parturiente ou pelo marido, e era enterrado juntamente com a placenta, fora da casa. Após o nascimento, *eraseli*, a criança era lavada e entregue aos pais; mas tarde ser-lhe-ia dado o nome de algum parente já falecido. Durante o parto e algum tempo após, a criança e os pais permaneciam em estado de *uanki*. O fim da reclusão era indicado pela primeira menstruação da parturiente, e era marcado por uma festa denominada *tadaunúto*. A reintegração dos pais e da criança no seio da comunidade se fazia mediante a festa denominada *itabiénli*.

Quando os jovens atingiam a puberdade, eram reclusos, *uanki*, por um período de alguns meses. Eles não podiam sair à luz do dia e eram alimentados e tratados pelos parentes. Acreditava-se que a maior ou menor duração do período de *uanki* dos jovens resultasse na sua melhor ou pior constituição física. De outra parte, o filho de um chefe deveria ficar recluso por mais tempo que o comum. O período de reclusão, para os meninos, iniciava-se com o ritual da perfuração das orelhas (feito, geralmente, em grupos de jovens). As meninas tinham as orelhas perfuradas logo ao nascerem, e o início da reclusão era marcado pelo advento da primeira menstruação. O término do estado de *uanki* era celebrado, também, com o *tadaunúto*. As meninas passavam então a usar *uluri*, ou seja, coberturas genitais de forma triangular, de cerca de 3 cm², feitas de casca de árvore. Após a reclusão meninos e meninas eram elegíveis para o casamento. O casamento, *todohokúinle*, era combinado pelos pais dos jovens mediante a troca de presentes e não parece ter merecido cerimonial especial.

A crença na possibilidade de uma morte natural parece ter sido ignorada pelos Bakairí. Após a morte, sempre provocada pela magia de algum inimigo, era o cadáver pintado e enfeitado com os adornos usados em vida. O corpo era enrolado na rede usada pelo morto, e sepultado com a cabeça voltada para o oeste e os pés para leste. Seguia-se um período de luto, durante o qual os parentes mais próximos permaneciam *uanki* e do qual se libertavam mediante a festa do *tadaunúto*.

O mundo dos Bakairí era rodeado por seres sobrenaturais, bons e maus, tais como *iamüira*, *topiehe*, *karoui*, *kadopa* e *kilaimo* (5). As plantas e animais não passavam de roupagens de que se serviam *iamüira* e *kadopa*. As atividades de caça, pesca e lavoura deviam, pois, ser acompanhadas de propiciações destinadas a aplacar a cólera dos *iamüira* despojados de seus animais e plantas. De outra parte, *karoui* e *kilaimo* vagavam pelo mato ameaçando os Bakairí. Contra tais seres precisavam os índios da proteção de seus médicos-feiticeiros, bem como de períodos de reclusão nos momentos mais perigosos.

Os Bakairí acreditavam que o homem possui duas almas: uma denominada *kati* ou *kutulu*, mais pesada e mais densa, correspondendo a uma camisa que é vestida pela segunda alma, *kagatopuri*, princípio mais fluido que sobrevive à morte (6). Durante o sono, *kagatopuri* se destaca do corpo e vai passear em regiões distantes; ao regressar,

(5) Capistrano DE ABREU, "Os Bacaerys", *Revista Brasileira*, ano 1, t. 4, p. 44, 45, 47, 48, 234, 240, 241, Rio de Janeiro, 1895.

(6) Capistrano DE ABREU, *op. cit.*, t. 4, p. 43, 44.

faz com que o indivíduo desperte. Despertar subitamente uma pessoa poderia provocar-lhe a morte, pois *kagatopuri* não teria tempo de regressar ao corpo. Após a morte, a alma fluida se separava definitivamente do corpo e se transformava em *kadopa*. Os *kadopa* eram almas errantes que assim permaneciam até sua transformação final em *iamüra*, o que ocorria nos domínios de Nakoeri, o herói-cultural. Nakoeri era um misto de herói-cultural e deus criador dos Bakairí. Num texto obtido por Capistrano de Abreu, Nakoeri faz primeiro todos os animais e, usando uma argamassa de barro, cria os Bakairí (7). Em seguida constrói uma escada de algodão e sobe ao céu.

Os *kadopa* sentem fome e se alimentam como os demais índios. Para tanto usam o corpo dos animais. Quando os *kadopa* importunavam as aldeias, realizavam-se rituais em que se procurava atrair as almas errantes para em seguida assustá-las. Um relato bakairí assim se refere aos *kadopa*:

“... quando não entoas o canto de *kadopa* ela não vai para o céu. Por isso muitos dias dormidos põe mingau em duas cuias pequenas; põe o mingau no meio da sepultura; duas pessoas armadas de porretes entoam o canto, quebram-se as duas cuias e foge-se. Chegando de longe, benze dizendo *kukuku* (ora sus). Quando se pára, benze-se... dizendo: *Aufa!* Vai para dentro do céu, para nossa gente, para nossa mãe, para nosso pai, aqui não tem ninguém, dentro do céu é bom, vai, nós também vamos correr, se diz, ensina o *piahi*” (8).

Na aldeia de Nakoeri, *kadopa* se transforma em *iamüra*. Mas *iamüra* também vagueia pela terra usando o corpo dos animais. Embora sua ação não fosse propositadamente maligna, os Bakairí precisavam tomar precauções quando caçavam, pescavam ou plantavam. Ao matar uma caça ou peixe, os índios deixavam certas oferendas para os *iamüra* representados por esses animais (9).

Através de certos rituais um Bakairí poderia, ainda em vida, entrar em contacto com os *iamüra*, adquirindo os poderes correspondentes, e transformando-se em médico-feiticeiro.

Capistrano de Abreu (10) e Karl von den Steinen (11) mencionam ainda outros seres sobrenaturais que rodeavam os Bakairí:

(7) Capistrano DE ABREU, *op. cit.*, t. 4, p. 47.

(8) Capistrano DE ABREU, *op. cit.*, t. 4, p. 44.

(9) Capistrano DE ABREU, *op. cit.*, t. 4, p. 49.

(10) Capistrano DE ABREU, *op. cit.*, t. 4, p. 235, 239, 240.

(11) Karl VON DEN STEINEN, *Entre os aborígenes do Brasil Central*, São Paulo, 1940, trad., p. 448.

kilaimo, *karoui*, *iuanaguroro* e *topiehe*. *Kilaimo* é um espírito errante que vagueia pelo mato, durante a noite. *Karoui* é inimigo dos médicos-feiticeiros; possui um machado com o formato de um sapo. *Iuanaguroro* é o senhor da caça; possui um peito maior que o outro, contra o qual aperta e mata os índios que o ofendem. *Topiehe* é um pássaro cuja morte redundaria na morte inevitável do culpado. Havia ainda uma lagoa habitada por seres sobrenaturais maléficos, e onde os animais adquiriam proporções gigantescas.

Capistrano de Abreu menciona a atribuição de poderes especializados a certos animais. Assim, o lagarto era o senhor do sono; a raposa, do fogo; o urubu, do banco; o caramujo, do sol; o ouriço, do espinho; o martim-pescador, dos peixes; o veado, da mandioca (12).

O médico-feiticeiro, *piaji* (*piahi* ou *piaje*), desempenhava funções de grande importância entre os Bakairí. Além das funções de curar doenças, cabiam-lhe tarefas tais como as de prever as incursões inimigas, localizar a caça, encontrar objetos perdidos e interceder junto aos seres sobrenaturais quando necessário.

Para os Bakairí as doenças eram sempre causadas ou por médicos-feiticeiros inimigos ou a serviço de inimigos ou por espíritos tais como *iamüra*, *topiehe* ou *iuanaguroro* e *karoui*. Ao ser chamado para curar um doente, o *piaji* solicitava o auxílio do seu *iamüra* protetor, com a ajuda de uma cabaça que agitaria acompanhando os cânticos de invocação. Ao examinar um doente, o *piaji* decidiria qual a causa da doença, se provocada por um inimigo ou por um espírito. No segundo caso o *piaji* intercederia junto ao espírito ofendido, aplacando-o. No caso, porém, de a doença ter sido causada por outro médico-feiticeiro, seria preciso descobrir, primeiramente, qual o veículo do mal. Este poderia ser um pedacinho de madeira carbonizada, um fiozinho de algodão ou um pedacinho de osso, lançado através do espaço e assim introduzido no corpo do doente. O médico-feiticeiro sugaria a parte ofendida, retirando a causa do mal.

Nossos informantes nada nos souberam dizer com referência às doenças causadas pelos *omeoto* (maus feiticeiros), mencionadas por Karl von den Steinen. Segundo o aludido autor, para fazer mal a um índio, o médico-feiticeiro cozeria dentro de um pote um lagarto, em cuja goela teria previamente introduzido a pele do dedo médio de um cadáver. A agonia e morte do lagarto era acompanhada simultaneamente da agonia e morte da vítima (13). A nosso ver, tal técnica parece muito pouco indígena, sendo provavelmente resultado da aculturação. Todavia, nossos informantes a ignoravam.

(12) Capistrano DE ABREU, *op. cit.*, t. 4, p. 242.

(13) Karl VON DEN STEINEN, *op. cit.*, p. 442.

Para tornar-se médico-feiticeiro, um jovem deveria ser treinado por um período que variava de seis a doze meses, submetendo-se a uma rigorosa abstinência sexual e dieta baseada exclusivamente em vegetais. Durante todo o período de iniciação o candidato permanecia *uanki*, encerrado no *kadoeti*. Parte do treinamento, entretanto, se realizaria em lugares afastados, onde o noviço aprenderia as propriedades curativas de certas raízes, bem como os segredos relacionados com o mundo sobrenatural. O treinamento terminaria com a aquisição, por parte do candidato, de um espírito protetor, *iamüra*. Essa aquisição era feita durante um transe em que o candidato caía mediante a ingestão de narcóticos. O novo médico-feiticeiro deveria em seguida provar o seu poder, quer em atos menores tais como achar objetos perdidos, quer curando algum doente.

A propósito da iniciação Karl von den Steinen nos informa que o candidato deveria alimentar-se somente de caldo de amido, bater continuamente contra a cabeça, ao mesmo tempo em que arranhava os braços e peito até correr sangue⁽¹⁴⁾. De outra parte, Capistrano de Abreu relata que o noviço deveria ingerir "drogas como timbó, pindoba, vaimbé, e outros cipós" e aprender a língua de *karoui*. No dia da iniciação o candidato sairia a passeio com o seu mestre, que lhe daria de beber a infusão⁽¹⁵⁾.

Os Bakairí possuíam um cerimonialismo bastante elaborado, conforme nos é possível depreender dos informes obtidos junto aos índios de Simões Lopes. Danças e cantos eram executados não só quando havia abundância de alimentos ou quando as atividades econômicas o permitiam, mas especialmente em épocas tais como as da colheita do milho, ou na ocasião em que se furavam as orelhas dos meninos a serem reclusos, ou nas épocas de celebração do *tadaunúto* ou cessação do estado de *uanki*, construção de casas, início da limpeza do campo para o plantio, ou finalmente distribuição do algodão entre as mulheres. Nessas ocasiões os grupos vizinhos eram convidados e as festas prolongavam-se por dias. Os instrumentos musicais dos Bakairí consistiam em flautas de bambu e chocalhos para os pés, feitos de caroços de pequi. Lembravam-se os informantes de quatro tipos de flautas: a *enimi* e *kanagera*, flautas sagradas conservadas longe da vista das mulheres e crianças, e as *tadãua* e *nakigoro*, usadas nas festas profanas. Possuíam ainda os Bakairí cabaças cheias de sementes ou pedras, denominadas *pako*, e bastões de madeira, ornamentados com desenhos geométricos. Esses bastões ainda são usados nas danças bakairí em Simões Lopes.

(14) Karl von den Steinen, *op. cit.*, p. 440-441.

(15) Capistrano de Abreu, *op. cit.*, t. 4, p. 235-38.

Recordavam-se nossos informantes das seguintes danças e cantos: o *oriko*, dança executada com auxílio dos bastões enfeitados, e sem época fixa; o *iauaisári*, canto do milho; o *mahulauari*, dança executada por ocasião da construção de uma nova casa; a *pahoevató*, executada por ocasião da cerimônia da perfuração das orelhas dos meninos, e a festa do milho ou *anjéintabiéni*.

Nas danças sagradas, vedadas às mulheres, usavam-se máscaras representando diferentes animais. Ao que acreditamos, essas máscaras não representavam propriamente os animais, mais sim os *iamüra* senhores desses animais. Isso justificaria o fato de serem as representações tão afastadas da realidade, mesmo para a arte indígena.

Os mitos bakairí relatados por Karl von den Steinen e Capistrano de Abreu mencionam *tchini* (ou *keri*, Sol), *numa* (ou *kame*, Lua)⁽¹⁶⁾ e *nakoeri*⁽¹⁷⁾. *Tchini* e *numa* ou *keri* e *kame*, Sol e Lua, são heróis-gêmeos criadores dos Bakairí. A mesma tarefa de criar os Bakairí é atribuída a *nakoeri*. A não-existência de metades entre os Bakairí leva-nos a considerar o mito dos heróis-gêmeos como tomado de empréstimo pelos Bakairí, desde que não parece haver em sua organização social uma correspondência justificadora. Os índios do Paranatinga relataram-nos o seguinte mito:

Iamadili ou a origem do dia

No começo o mundo era tão escuro e frio que os índios tinham de cobrir o corpo com gordura para mantê-lo quente. Os índios queriam que o sol saísse, e então eles vestiram seus enfeites, pintaram os corpos e começaram a pedir para Orimoto, o grande espírito. Orimoto não era índio, mas um homem que vivia numa casa de pedra com alguns animais que ele havia criado. Os índios continuaram pedindo até que finalmente a luz surgiu; mas os índios já se tinham tornado velhos e as crianças já haviam crescido.

Os dados de que dispomos não nos permitem ordenar na cosmologia bakairí seres tais como *tchini-numa*, *keri-kame*, ou *orimoto* e *nakoeri*. Preferimos, contudo, considerar *nakoeri* como o ser supremo dos Bakairí, deixando a *tchini-numa*, *keri-kame* (Sol e Lua) e *orimoto* os papéis de heróis-culturais, até que novos trabalhos venham esclarecer suas devidas funções.

Obrigados a enfrentar um ambiente hostil, como o das savanas e matas das cabeceiras do Xingu, e desprovidos de uma tecnologia apropriada, os Bakairí, como os demais índios xinguanos, dependiam grandemente de circunstâncias aleatórias tais como a quantidade de chuva e conseqüente enchente anual, redundantes em escassez ou

(16) Karl von den Steinen, *op. cit.*, p. 447-492.

(17) Capistrano de Abreu, *op. cit.*, t. 4, p. 45-50, 235-240.

abundância de alimentos. Sem uma tecnologia adequada, não acumulavam o que produziam, vivendo numa economia de subsistência. Suas atividades de caça e pesca eram seguidas de rituais mágicos com os quais procuravam controlar a possibilidade dos fracassos futuros ou mesmo de doenças. Assim também as atividades agrícolas e as de construção de casas ou canoas precisavam ser seguidas de propiciações. Para usar a matéria-prima vegetal ou animal era preciso saber controlar os elementos incertos. Como explicar, por exemplo, que uma canoa rachasse e outra não, quando ambas foram feitas pelo mesmo artífice? Como explicar que os mesmos alimentos ora se mostrassem inócuos, ora provocassem doenças? O sistema de crenças dos Bakairí parece-nos uma interpretação que satisfazia, de maneira eficaz, as exigências da cultura. Viviam os Bakairí num mundo dominado por *iamüra* e outros seres sobrenaturais. Os animais e plantas nada mais eram que roupagens de que se serviam esses seres sobrenaturais. O próprio Bakairí era um ser dual: um espírito *kagatopüri*, usando uma roupa, o corpo físico, animado por outro espírito, mais denso, *kati*. Após a morte *kagatopüri* passava pelos estágios de *kadopa*, espírito errante, e finalmente *iamüra*. Por isso os Bakairí não se mostravam amedrontados com os seus mortos; os corpos não passavam de vestimentas; mas os *kadopa*, estes sim, é que eram perigosos.

Para defender-se contra os inúmeros perigos representados pela constelação de seres sobrenaturais, tais como *iamüra*, *kadopa*, *topiehe*, *karoui*, *iuanaguroro* e *kilaimo*, os Bakairí lançavam mão de dois meios. O primeiro era o da reclusão, *uanki*, nos momentos mais difíceis e tais como nascimento, puberdade, morte e iniciação xamanística. Ao *uanki* seguia-se a reintegração do indivíduo, mediante a festa do *tadaunúto*. O outro meio era o xamanismo. Era o xamanismo aberto a todos e deveria mesmo constituir um estágio normal na evolução de vida dos Bakairí. Poucos, porém, conseguiam tornar-se médicos-feiticeiros, pois as provas a que deveriam submeter-se não eram fáceis. O contacto com o sobrenatural era feito pelos médicos-feiticeiros, mediante o uso do tabaco ou outros narcóticos. Em seus transe os médicos-feiticeiros passavam a controlar os *iamüra* e os poderes peculiares a esses seres sobrenaturais.

Finalmente a vida *post-mortem* dos Bakairí, na grande aldeia de *nakoeri*, reflete, como era de esperar-se, a organização de suas aldeias. Transformados em *iamüra*, os Bakairí reúnem-se aos seus antepassados e velhos amigos; os prazeres de comer e beber não lhes são negados, pois eles também sentem fome e sede, mas são agora invulneráveis aos perigos da floresta. Podem eles usar os animais e as plantas, ao seu bel-prazer, como envoltórios para seus passeios no ar, nos rios ou na terra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Capistrano de, "Os Bakaerys", *Revista Brasileira*, ano I t. 3 e 4, Rio de Janeiro, 1895.
- OBERG, Kalervo, "The Bacairí of Northern Matto Grosso", *Southwestern Journal of Anthropology*, v. 4, n. 3, 1948.
- SCHMIDT, Max, *Indianerstudien in Zentralbrasilien*, Berlim, 1905.
- _____, "Los Bakairí", *Revista do Museu Paulista*, n.s., v. I, São Paulo, 1947.
- VON DEN STEINEN, Karl, *Durch Central-Brasilien*, Leipzig, 1886. *O Brasil Central*, trad., São Paulo, 1942.
- _____, *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*, Berlim, 1894. *Entre os aborígenes do Brasil Central*, trad., São Paulo, 1940.